

ANTONIETA BURITI DE SOUZA HOSOKAWA

ANÁLISE SEMÂNTICA  
DO VOCABULÁRIO DO  
SERINGUEIRO DO VALE DO  
RIO ACRE

2019

**Blucher**

*Análise semântica do vocabulário do seringueiro do vale do Rio Acre*

© 2019 Antonieta Buriti de Souza Hosokawa

Editora Edgard Blücher Ltda.

Diagramação: Laércio Flenic Fernandes

Ilustração da capa: Ueliton Santana

Revisão: Davi Pacheco Alves de Souza

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel 55 11 3078-5366  
contato@blucher.com.br  
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.  
do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,  
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer  
meios, sem autorização escrita da Editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora  
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Hosokawa, Antonieta Buriti de Souza  
Análise semântica do vocabulário do seringueiro do  
vale do Rio Acre [livro eletrônico] / Antonieta Buriti de  
Souza Hosokawa. -- São Paulo : Blucher, 2019.  
186 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-8039-383-5 (e-book)  
ISBN 978-85-8039-382-8 (impresso)

Open Access  
1. Linguística 2. Linguística aplicada 3. Linguística  
histórica 4. Língua portuguesa - Semântica 5. Dialética 6.  
Seringueiros - Acre - Análise linguística 7. Vale do Rio Acre  
(AC) - História I. Título

19-0543

CDD 410

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Linguística

*In Memoriam* de Manoel Soares Buriti, meu querido avô materno, que, com sua bravura e simplicidade de seringueiro, soube ensinar aos seus o amor ao próximo, à vida e que é preciso lutar sem perder a esperança.



---

## • AGRADECIMENTOS

Ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Acre, Dr. Lauro Julião de Souza Sobrinho.

À CAPES, pelo suporte financeiro.

Ao Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre, pelo apoio constante.

Ao Departamento de História e aos funcionários do Centro de Documentação e Informação Histórica e, em especial, a sua diretora, prof<sup>a</sup> Maria José Bezerra da Silva.

A todas as Entidades ligadas aos seringueiros do Acre.

Ao Prof. Dr. Bruno Fregni Bassetto, orientador, mestre e amigo em todos os momentos.

À minha querida família pelo apoio e incentivo, da qual tive que privar-me de sua doce companhia.

A todos os professores, amigos (em especial a Lígia Campos Imaguire, que sempre esteve ao meu lado nos momentos de maior dificuldade), a todos os colegas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Setor de informática da FFLCH e todos os amigos estagiários.

Aos bibliotecários da FFLCH.



---

# ABREVIATURAS EMPREGADAS

Al.	Alemão
Ant.	antigo
Ar.	Árabe
Aul.	Caldas Aulete
Aur.	Dicionário Aurélio
b.	baixo
Cast.	Castelhano
Cat.	Catalão
Dic.	Dicionário
Eng.	Engadino
Fem.	feminino
FEW	<i>Französisches Etymologisches Wörterbuch</i>
Fr.	Francês
Friul.	Friulano
Ing.	Inglês
It.	Italiano
Lat.	Latim
Lat. Vulg.	Latim vulgar
Log.	Logudorês

Mal.	Malaio
Melh.	<i>Dicionário Melhoramento</i>
Nasc.	<i>Dicionário Etimológico</i> de Antenor Nascentes
Port.	Português
Prov.	Provençal
Quim.	Quimbundo
Q.v.	<i>quod vide</i>
REW.	<i>Romanisches Etymologisches Wörterbuch</i>
Rom.	Romeno
Vegl.	Veglioto



---

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>11</b>
<i>Bruno Fregni Bassetto</i>	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>PROCEDIMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1. INFORMAÇÕES SOBRE O ESTADO DO ACRE.....</b>	<b>23</b>
1.1 DADOS GERAIS .....	23
1.2 O ACRE NO BRASIL .....	25
1.3 DIVISÃO POLÍTICO – ADMINISTRATIVA DO ESTADO DO ACRE .....	25
1.4 HIDROGRAFIA.....	26
<b>2. SINOPSE DA HISTÓRIA DO ESTADO DO ACRE.....</b>	<b>26</b>
2.1 POVOAMENTO INICIAL .....	26
2.2 AS PRIMEIRAS CONQUISTAS.....	27
2.3 A OCUPAÇÃO CEARENSE.....	28
2.4 BREVE HISTÓRICO SOBRE O EMBATE FRONTEIRIÇO .....	30
<b>3. INFORMAÇÕES SOBRE OS PONTOS PESQUISADOS .....</b>	<b>33</b>
3.1. ASSIS BRASIL .....	33
3.2. BRASILEIA.....	33
3.3. PLÁCIDO DE CASTRO .....	34
3.4 PORTO ACRE.....	35
3.5 XAPURI .....	36
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>1. A SERINGUEIRA: HISTÓRICO.....</b>	<b>39</b>
<b>2. A CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA DA SERINGUEIRA .....</b>	<b>43</b>

<b>3. O SERINGUEIRO.....</b>	<b>44</b>
<b>4. HABITAÇÃO E COSTUMES DOS SERINGUEIROS.....</b>	<b>45</b>
<b>5. A EXPLORAÇÃO DAS SERINGUEIRAS.....</b>	<b>46</b>
<b>6. PROCESSO DE CORTE E COLETA DA SERINGA.....</b>	<b>46</b>
 <b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>VOCABULÁRIO DO SERINGUEIRO DO VALE DO RIO ACRE.....</b>	<b>49</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>159</b>
<b>DICIONÁRIOS PRINCIPAIS.....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>173</b>
<b>1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES.....</b>	<b>173</b>
<b>1.1 QUESTIONÁRIO ABERTO.....</b>	<b>173</b>
<b>1.2 QUESTIONÁRIO FECHADO.....</b>	<b>174</b>
<b>2. LISTA DOS INFORMANTES.....</b>	<b>175</b>
<b>3. TABELA DE TRANSCRIÇÃO.....</b>	<b>177</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>179</b>

---

## PREFÁCIO

Este livro é o resultado final de um longo curso de pós-graduação presencial e *stricto sensu*, feito na área de Filologia Românica, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, campus do Butantã. Nesses cursos, a autora recebeu o cabedal de conhecimentos necessários para sua pesquisa de campo em seu estado natal, o Acre, trabalho com que recebeu o título de mestre em Letras e lhe possibilitou o posterior doutorado.

Dentre os métodos que a Filologia Românica usa em suas pesquisas, a autora escolheu o onomasiológico, que tem pontos em comum com o da geografia linguística, do *Sachen und Wörter* e o neolinguístico, que se afigurava como o mais apto em vista de seu objetivo. A onomasiologia busca explicar as denominações das coisas; investiga os nomes atribuídos aos objetos dentro de um domínio semântico. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos, visando aos aspectos vivos e as forças criadoras da linguagem. Em sua aplicação prática no caso se revelou eficiente e produtivo. Todavia, a autora não se limitou à terminologia própria dos seringueiros e coletores da castanha: entrou pelo campo da etimologia e investigou possíveis correspondentes nas línguas românicas, conferindo um caráter realmente românico à pesquisa.

Sendo a linguagem humana a expressão de uma visão do mundo, do meio ambiente, de sua história e de sua cultura, a autora incluiu dados extralinguísticos sobre seu estado natal: território e sua história heroica, épica sob diversos aspectos, em sua luta para anexá-lo definitivamente ao Brasil, o que não aconteceu com qualquer outro; essa incorporação ao Brasil do território atualmente do Acre foi devida particularmente à ação diplomática do Barão do Rio Branco. Ora, a história de um domínio linguístico, seu relevo, as atividades e a visão mundo de seus habitantes são fatores que têm implicações em sua linguagem. Desse modo justificam-se os dados históricos, geográficos e outros incluídos pela autora sobre seu estado natal, sem dúvida, o menos conhecido de nosso país.

Observe-se ainda que a pesquisa ficou restrita aos seringueiros e coletores de castanha do vale do Rio Acre, um dos muitos que cortam o estado. As quase

cinco dezenas de termos específicos, coletados através da pesquisa de campo, perfazem uma produtividade relativamente boa, apesar da precariedade dos recursos aplicados e das dificuldades de localizar informantes realmente importantes. De qualquer modo, porém, este trabalho aponta o tamanho dos problemas a serem enfrentados até termos nosso Atlas Linguístico Brasileiro, de que se fala há décadas, mas até o momento pouco foi realizado e esta obra é um bom exemplo a ser incorporado.

*Bruno Fregni Bassetto*

---

# INTRODUÇÃO

Sendo a língua uma herança cultural milenar (a história da língua é a história da cultura)<sup>1</sup>, faz-se necessário estudar com maior profundidade os vários falares como forma de retratar a variante linguística de cada região dessa mesma herança, necessidade que já se manifestava em Amadeu Amaral (1920, p. 43), em *O Dialeto Caipira*. Segundo SCHUCHARDT, a língua é, sobretudo, um meio de comunicação entre os homens<sup>2</sup>, pois é por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence e as ideias de seu tempo.

A língua, por ser um sistema dinâmico, é passível de mutações. As palavras, que a constituem, estão sujeitas a transformações de acordo com os diferentes momentos da história, pois, de acordo com os estudos de Genouvrier (*passim*), o léxico<sup>3</sup> de uma língua é o lugar das mais amplas variações, já que certas palavras caem em desuso enquanto outras são criadas conforme a necessidade da denominação, isto é, segundo as necessidades socioculturais do meio. A língua,

---

<sup>1</sup> Citado por H. SPERBER, Sprachwissenschaft und Geistesgeschichte in WS XII (1929), p.173 ss. (apud Iorgu Iordan, 1962:104)

<sup>2</sup> Iorgu Iordan, 1962: 95)

<sup>3</sup> Léxico: Sistema de palavras que compõe uma língua. (Carreter, 1973)

sendo um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica, pois é o homem que atua em suas transformações e, pela palavra, ele adquire consciência do mundo e de si mesmo. Por esse motivo, essa proposta de estudar o léxico especializado do seringueiro do Vale do Rio Acre, como uma forma de registrar e preservar uma situação histórica, visto que cada geração não apresenta as mesmas experiências linguísticas, embora conserve a tradição das precedentes.

O processo de produção da borracha é uma atividade econômica que vem passando por várias modificações e inovações de métodos, fato que traz consequências léxicas, ou seja, o aparecimento de palavras novas para designar ações, objetos e coisas utilizadas na execução desse trabalho, além disso, alguns métodos já estão fadados ao desaparecimento, como exemplo disto é o processo da defumação da borracha que já está em desuso e com isso resulta no desaparecimento de palavras que designam objetos e coisas utilizados nesse processo. Assim sendo, é de vital importância buscar uma forma de registrar e salvaguardar esse recorte linguístico como representação cultural, antes que inovações de toda ordem o venham a apagar.

Esse foi um dos principais motivos que fizeram despertar a ideia de se estudar o léxico específico do seringueiro do Vale do Rio Acre, além da curiosidade e da necessidade de se conhecer e analisar a origem desse falar regional, devido à diversidade de culturas do povoamento do estado, quando da desenfreada corrida aos seringais; por esse motivo, faz-se necessário examinar a procedência e origem dos termos utilizados na atividade da extração e da industrialização do látex. Outro fator de interesse foi a localização geográfica, pois, pela distância e pelas dificuldades de transporte, alguns municípios desse estado tendem ao isolamento, o que nos faz acreditar que a língua nesses lugares seja conservadora. Além disso, o objeto de estudo desta pesquisa, os seringueiros, habitam o meio da floresta, ficando afastados do contato com outros grupos e pouco afeitos aos meios de comunicação de massa, pois o único meio de comunicação existente nessas localidades é o rádio a pilha. Ficam eles quase que isolados do contato com falantes de outras localidades, devido às grandes distâncias de uma *colocação* para a outra; o que torna mínimo o contato com outros falantes. Nesse contexto, faz-se necessário rastrear historicamente palavras específicas, que se fazem presentes no falar do seringueiro acreano, além do rastreamento da motivação entre as palavras e as coisas, na tentativa de um estudo onomasiológico, bem como as acepções que essas palavras adquiriram ao longo do tempo.

Outro fator que também contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho foi a necessidade de estudo sobre o léxico dessa região, pois são poucas

as pesquisas sobre essa temática e, com isso, acredita-se estar contribuindo para salvaguardar esse vocabulário e, através disso, mostrar as características específicas desse grupo de falantes, pois o seringueiro foi o principal agente de desenvolvimento econômico extrativo do estado do Acre durante a Revolução Industrial e, atualmente, com os preços em baixa e a escassez de árvores nativas, acredita-se estar essa atividade econômica, nos moldes atuais bastante primitivos, fadada ao desaparecimento.

Para tal estudo delimitaram-se as zonas de pesquisa, dentro do território acreano. Devido à amplitude do estado e à dificuldade de transporte, delimitou-se o Vale do Rio Acre, composto apenas por cinco municípios: Xapuri, Brasileia, Assis Brasil, Plácido de Castro e Porto Acre, cuja atividade econômica principal é a extração da borracha.

## **PROCEDIMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA**

A primeira etapa para a execução da pesquisa foi preparar um questionário, voltado especificamente para o processo de corte da seringueira, coleta do látex, objetos e coisas que auxiliam nessa atividade. A elaboração do questionário tomou como base o modelo dos questionários utilizados para a elaboração dos atlas linguísticos do Brasil; procurou-se, no entanto, adaptar as perguntas, pois o objetivo era conseguir que o informante pudesse fazer uma descrição minuciosa do que lhe era perguntado. O número de perguntas foi pequeno, pois um inquérito demorado e exaustivo poderia fatigar o informante.

O questionário aplicado foi dividido em duas partes: o primeiro, aberto, constava de perguntas sobre a identificação pessoal e informações de caráter geral sobre a vida em família, grau de escolaridade, os primeiros contatos com o trabalho etc.; o segundo questionário, fechado, constava de perguntas voltadas especificamente para o vocabulário do trabalho com a seringa.

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, com vistas à coleta de dados, foi necessário percorrer os municípios selecionados e contactar os informantes que se encaixassem no perfil traçado e assim aplicar o questionário e desenvolver o trabalho de gravação em fitas magnéticas.

O questionário elaborado previamente passou por algumas modificações, pois à medida que se entrava em contato com os informantes, algumas perguntas foram sendo incluídas e outras reformuladas, para facilitar o entendimento das perguntas e a elaboração das respostas.

O perfil traçado para os informantes foi o seguinte:

Todos os informantes selecionados deveriam ser seringueiros nascidos no Acre e no município em que estava sendo desenvolvida a pesquisa, pois pretendíamos que esses fossem representantes do falar local. As faixas etárias selecionadas foram: uma de jovens, com idade entre 14 e 26 anos, denominada faixa etária A; uma faixa etária intermediária, de adultos entre 27 a 40 anos de idade, faixa etária B; e a última, de 41 anos até a idade que fosse possível ser encontrada, faixa etária C. A decisão de desenvolver um estudo com informantes de três faixas etárias deve-se ao surgimento e ao desaparecimento de certos termos comuns à linguagem do seringueiro acreano de determinadas faixas etárias. Desta forma, é possível perceber a mobilidade da língua, pois um estado de língua é fruto de um momento anterior, condicionado ao estado posterior da língua.

Para cada dois informantes do sexo masculino, selecionamos uma informante do sexo feminino, pois as mulheres estão mais ligadas aos afazeres domésticos, cabendo a elas apenas auxiliar no trabalho do corte da árvore e da coleta do látex. A elas cabe o papel de auxiliar o pai, quando se tratava de solteiras, e o marido, quando casadas. Além disso, as informantes do sexo feminino são em menor número nos *seringais*, pois grande parte da população das localidades pesquisadas é composta por homens, pois as meninas nascidas nos seringais aos doze ou treze anos são levadas para a cidade para trabalhar em “casas de família” ou para estudar.

Com relação à escolaridade dos informantes, a preferência era que não tivessem instrução escolar; no entanto, em algumas localidades, não foi possível encontrar informantes analfabetos, porque alguns tinham passado por uma curta experiência escolar.

Essa pesquisa foi desenvolvida durante o mês de junho de 1997. Para a coleta das entrevistas foi utilizado um gravador Panasonic RQ-L319 com microfone embutido; as fitas utilizadas foram da marca SONY, de 60 minutos. O material utilizado para a transcrição das fitas foi headphones estéreo, marca COBY, e aparelho de som Mouving Sound da marca Philips. Para o registro fotográfico, utilizou-se uma máquina fotográfica Yashica, sendo que algumas fotografias que são apresentadas no trabalho foram adquiridas com o fotógrafo J. Dias, funcionário da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de Rio Branco, AC, e outras foram extraídas de enciclopédias e das teses consultadas. Há também quatro obras do artista acreano Ueliton Santana dos Santos: Índio seringueiro I – Lápis grafite sobre papel – ano 2013, Índio seringueiro II – Lápis grafite sobre papel – ano 2013, Barracão – Carvão sobre papel – ano 2013 e Comboio no inferno verde- Lápis grafite sobre papel – ano 2013. Após o trabalho de campo,



procedeu-se à transcrição gráfica e digitação do material colhido nas entrevistas. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente e utilizou-se o sistema de Luiz Antonio Marcuschi em *Análise da conversação*. É importante ressaltar que segundo o autor, não existe *a melhor* transcrição. Todas são mais ou menos boas e o essencial é que o analista saiba quais são os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados; para tanto, nessa transcrição procurou-se utilizar alguns símbolos que diferem daqueles utilizados por Marcuschi (1991), com o objetivo de facilitar tanto a digitação quanto a compreensão da transcrição. Todos os símbolos são apresentados na tabela de transcrição.

É importante ressaltar que o contato com os informantes e o meio em que vivem foi a maior e melhor experiência obtida em todo o desenvolvimento do trabalho de campo, pois a experiência anterior, mantida com informantes era pequena, fruto de trabalhos desenvolvidos durante a graduação, quando fazia parte, como bolsista do CNPq, do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre (CEDAC). Essa participação serviu como experiência para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dessa pesquisa de campo.

Fazer a pesquisa *in loco* permitiu conhecer a difícil vida a que o seringueiro é submetido, pois ele convive com uma natureza hostil, caracterizada por duas estações bem definidas, que se alternam: no inverno, o seringueiro fica impossibilitado de trabalhar, devido às fortes chuvas que “tomam o leite”. Têm eles então, como único meio de sobrevivência, a coleta da castanha. No verão, o seringueiro sofre com a ausência do látex, pois o sol forte e a falta de chuvas secam o “leite da seringa”; a época de boa produção restringe-se apenas aos meses de abril, maio, junho, julho e agosto.

Para poder entrar em contato com os informantes e aplicar o questionário, foi necessário contactar entidades ligadas aos seringueiros: Casa do Seringueiro Acreano, Cooperativa Agroextrativista de Xapuri e AMOREB CM (Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes), que serviram de intermediários para as primeiras abordagens e apresentações junto aos informantes. Foi preciso também contar com a ajuda de vários moradores das cidades, em que estava sendo desenvolvida a pesquisa, para que esses pudessem indicar pessoas que se encaixassem no perfil de informante ideal. Essa etapa do trabalho não foi uma tarefa muito fácil, devido à localização dos seringais, necessitava-se de um bom preparo físico para percorrer longas distâncias pelos *varadouros*, única via de acesso aos seringais dentro da mata, além disso, pela falta de conhecimento dos caminhos dentro da mata, foi necessária a cooperação de moradores que se

deslocavam para os seringais ou colocações próximas às que se encontrava o informante adequado ao perfil traçado, para que assim pudesse executar a entrevista.

Na apresentação do glossário, parte central deste trabalho, optou-se pela ordem alfabética, já que a tentativa de ordená-lo por campos semânticos esbarrou em dificuldades de várias ordens, inviabilizando o processo. É importante ressaltar que os vocábulos<sup>4</sup> selecionados foram os que tiveram maior representatividade para a caracterização do falar do seringueiro do Vale do Rio Acre. Nesse levantamento foram incluídas palavras já dicionarizadas e que também ocorram em outros pontos do país. Incluem-se nesse caso as especificações semânticas: vocábulos registrados nos Dicionários de Língua que, na região, apresentam aceção específica.

Constatou-se que a grande maioria das palavras arroladas é constituída por formas já dicionarizadas, estabeleceu-se como critério consulta sistemática aos dicionários:

- *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete.
- *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, de Joan Corominas.
- *Dicionário Etimológico*, de Antonio Geraldo da Cunha.
- *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda.
- *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado.
- *Dicionário Etimológico Resumido*, de Antenor Nascentes.

No que diz respeito aos critérios empregados na redação dos verbetes primeiramente mostrou-se a etimologia da palavra, a forma e a aceção em algumas línguas românicas, as aceções apresentadas pelos dicionários consultados e a aceção específica da região. Essa disposição, embora não muito usual, foi a que melhor se enquadrava em nossos propósitos, já que permite apreender melhor as possíveis relações onomasiológicas existentes.

Para comprovar a aceção específica, registrou-se também o contexto de atualização da fala do informante. Diante de cada abonação, entre parênteses, estão: o nome do informante de forma abreviada, a abreviatura do ponto pesquisado e o número da entrevista. A preferência na seleção do trecho da fala do informante foi a que melhor pudesse esclarecer e contribuir para a elaboração da conceituação e descrição do vocábulo.

---

<sup>4</sup> Os dicionários de linguística apresentam diferentes significados para *vocábulo* e *palavra*, no entanto neste trabalho serão consideradas como sinônimas.

O objetivo da seleção desses vocábulos é rastrear a motivação entre as palavras e as coisas (*Wörter und Sachen*- corrente assim denominada por SCHUCHARDT; *Manual de Linguística Românica*, VIDOS) que surgiu como uma reação contra o predomínio da fonética e da investigação da “vida” na linguagem. Através dela, antes mesmo da Geografia Linguística e dos estudos de Gilliéron, havia sido possível verificar que, sem um preciso conhecimento das realidades, da natureza, das medidas, do uso etc. dos objetos, não era possível aproximar-se de todo da “vida” da palavra e fixar sua história e origem. Ressaltar o conhecimento das coisas, das *Sachen*, foi uma reação contra as chamadas “leis fonéticas” e contra o que na corrente “neogramática” havia de não vital. Toda a corrente de *Wörter und Sachen*, ou melhor, *Sachen und Wörter*, como a chamou Schuchardt, propôs como finalidade levar o aspecto semântico ao primeiro plano na vida da linguagem, mediante o estudo acurado das “coisas” e, dessa maneira, não só restabelecer o equilíbrio entre o significante e o significado, mas também, quando fosse possível a escolha, dar preferência à “semântica” sobre a “fonética”. Que significado e *Sache* se correspondem é um fato que pode ser notado em quase todos os problemas etimológicos. Porém, deve entender-se *Sache* num sentido muito amplo; segundo Schuchardt, a “coisa” “se refere tanto a acontecimentos e estados como a objetos, ao sensível como ao insensível, ao real como ao irreal”.

Segundo Schuchardt a etimologia pretende chegar ao conhecimento do verdadeiro ou correto (étymos significado de uma palavra (lógos). O correto e verdadeiro significado de uma palavra é o originário, ainda não mudado, ao seja, a palavra originária (tò étymon) com a qual se indicou uma determinada coisa (*Sache*).

Para Schuchardt que, junto com o indo-europeísta R. Meringer, foi o pioneiro do método *Wörter und Sachen*, a *Sache* vem em primeiro lugar, e ela existe efetivamente inclusive por si só, completa e em sua integridade, enquanto a palavra depende dela, está ligada a ela e é um satélite seu. Por isso, ao contrário de Meringer, ele fala de *Sachen und Wörter*, e não *Wörter und Sachen*; uma concepção em que os dois termos são entendidos não como conceitos independentes, mas em estreita correlação entre si. O *Sachforschung* (“estudo das coisas”), para ele, não deve estar ao lado da *Wortforschung* (“estudo das palavras”), mas ambas devem interpretar-se mutuamente. A conjugação das mesmas em *Wörter und Sachen* deve ser considerada não como um signo de adição, mas de multiplicação: “que se desenvolva uma *Sachwortgeschichte* (“história da coisa-palavra”). Desta *Sachwortgeschichte* nos dão testemunho seus clássicos trabalhos neste campo. Já em 1904, ele falava com entusiasmo de um *Bilderatlas* (“atlas de imagens”), com fotos e desenhos dos objetos comuns

referentes à vida cotidiana dos povos neolatinos, e considerava desejável que se constituíssem museus etnológicos para cada povo românico e um museu românico geral, no qual o romanista pudesse familiarizar-se com as *Sachen* da România e estudar melhor a origem dos seus nomes. Em 1909, começava a ser publicada a revista *Wörter und Sachen, Kulturhistorische Zeitschrift für Sprach- und Sachforschung*, por obra de R. Meringer e W. Meyer-Lubke, entre outros. A denominação do novo movimento foi *Wörter und Sachen* precisamente por influência daquela revista, em vez de adotar o nome de *Sachen und Wörter* lançado por Schuchardt.

Graças aos estreitos laços de *Sachforschung e Wortforschung*, graças a *Sachwortgeschichte* de Schuchardt, graças a seu credo metodológico, traduzido na prática, de que “jamais se deve cometer um erro de método por excesso, mas somente por defeito”, graças a que ele reunia não só formas (palavras) em “massa das formas” e fatos fonéticos, mas também fatos semânticos (*Sachen*), “massa semântica”, obteve-se, em meu entender, precisamente este resultado: o equilíbrio entre matéria e espírito, conturbado pelo predomínio da fonética, foi estabelecido e foi descoberta a autêntica vida da linguagem. Já que o objetivo do movimento *Wörter und Sachen* e o da Geografia Linguística é o mesmo, revelar a vida na linguagem. É evidente, desde logo, que a Geografia Linguística devia acrescentar outras partes para completar o objetivo desse estudo, e ao lado da Geografia da Língua devia juntar uma Geografia das Coisas (*Sachen*).

A Geografia Linguística não só tem levado em conta como merecia o movimento *Wörter und Sachen* como o impulsionou vigorosamente. Entre os Atlas de Línguas Românicas realizados até o presente, o mais perfeito foi o AIS (um *Wort- und Sachatlas*), com as centenas de desenhos que ilustram os objetos, os costumes, as ocupações etc. da população do território estudado, e com o suplemento publicado por um dos colaboradores com numerosas gravuras, desenhos e fotografias, que mostram os trabalhos agrícolas e os instrumentos das populações da Itália e do território linguístico reto-românico, representa um passo significativo nessa direção.

Como o movimento de *Wörter und Sachen* está intimamente ligada à chamada *Onomasiologia*<sup>5</sup>, que estuda as diversas denominações de um objeto, animal, planta, conceito etc. em um só território linguístico ou em vários. Como a corrente de *Wörter und Sachen*, ela põe em primeiro plano o aspecto semântico

---

<sup>5</sup> Quem primeiro empregou a palavra Onomasiologia (derivada do gr. <<modo de nomear>>, <<denominação>>) foi Zauner no seu trabalho intitulado *Die romanischen Namen der Korperteile*, Erlangen, 1902. Depois foi adotada por C. Merlo num livro, que chamou *I nomi romanzi delle stagioni e dei mesi* (Saggio di Onomasiologia). Torim 1904. (Vasconcelos, 1973).

da palavra (a *Sache*), ou seja, busca o significado<sup>6</sup> e não a fonética, e, como *Wörter und Sachen* e a Geografia Linguística esforçam-se por descobrir a vida da linguagem e as forças criativas na língua.

Além do aspecto psicológico, também o lado cultural é iluminado pela *onomasiologia*. Essa que, no princípio, era praticada com a ajuda de dicionários e de vocabulários dialetais, textos, monografias dialetais, recebeu um poderoso impulso graças ao atlas linguístico. Um atlas, com efeito, não é outra coisa senão uma coleção de mapas onomasiológicos.

É certo que os atlas linguísticos favoreceram poderosamente os estudos do tipo *Wörter und Sachen* e contribuíram eficazmente para o nascimento de toda uma série de estudos onomasiológicos. Estes estudos onomasiológicos ou monografias sobre as palavras, que, em certo sentido, são as enciclopédias dos objetos usuais, atividades etc. da população românica, referem-se, entre outras coisas, à casa, ao curral, à agricultura, à apicultura, ao pastoreio, aos instrumentos agrícolas, ao mobiliário, utensílios e objetos das casas, aos fenômenos atmosféricos etc. Em lugar de um objeto ou conceito só, ou de poucos, pode ser investigada onomasiologicamente toda cultura popular, todo o caráter folclórico de uma região ou de um país. Pode, além disso, priorizar o aspecto diacrônico ou sincrônico, isto é, pode focalizar o assunto mais linguisticamente com etimologias e reconstruções, ou mais descritivamente do ponto de vista dos objetos, da cultura popular.

A importância do atlas linguístico é indispensável para o auxílio do estudo onomasiológico. No Brasil, alguns atlas regionais já estão publicados, trabalho que teve como pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, tendo Nelson Rossi como autor e como coautores Carlota Ferreira e Dinah Maira Isensee, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, realizado por José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antonio Gaio, *Atlas linguístico da Paraíba*, de autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, o *Atlas linguístico de Sergipe* de autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg, o *Atlas linguístico do Paraná*, de autoria de Vanderci Aguilera. Há ainda outras novas contribuições: *Atlas linguístico do Ceará*, *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul*, *Atlas linguístico do estado de São Paulo*, *Atlas Etnolinguístico*

---

<sup>6</sup> A busca do significado das palavras já era uma preocupação desde os povos mais antigos conforme a afirmação que é feita na *Ilíada*: “Volúvel é a língua dos mortais; as palavras têm muitos e variados sentidos, e o âmbito da fala é extenso para um e outro lado” (XX,vv.248-9). (Ullmann, 1964:11)

*dos pescadores do estado do Rio de Janeiro. Ainda em andamento o Atlas linguístico do estado do Acre.*

Deste modo, percebe-se que ainda não existe um número satisfatório de estudos que permitam o conhecimento amplo do português do Brasil com base na investigação direta da realidade linguística do país. Nesse sentido, este trabalho pretende dar alguma contribuição a esses estudos em nosso país.